

JAMES ALLEN

A ARTE DA PROSPERIDADE

LIBERTE O PODER DA SUA MENTE

Inclui os livros
*Os oito pilares da
prosperidade e
Você é aquilo que pensa*

Veríssimo



JAMES ALLEN

TRADUÇÃO

ROBERTA SARTORI E STUDIO LIBRAS E LETRAS

**A ARTE DA
PROSPERIDADE**

LIBERTE O PODER DA SUA MENTE

Veríssimo

Sumário

LIVRO 1 — OS OITO PILARES DA PROSPERIDADE	11
Prefácio	12
Oito Pilares	13
Primeiro Pilar – Energia	19
Segundo Pilar – Economia	27
Terceiro Pilar – Integridade	37
Quarto Pilar – Sistema	44
Quinto Pilar – Simpatia	52
Sexto Pilar – Sinceridade	60
Sétimo Pilar – Imparcialidade	68
Oitavo Pilar – Autoconfiança	76
O Templo da Prosperidade	85
 LIVRO 2 — VOCÊ É AQUILO QUE PENSA	 91
Prefácio	93
Pensamento e caráter	94
Efeito do pensamento sobre as circunstâncias	95
Efeito do pensamento sobre a saúde e o corpo	102
Pensamento e objetivo	104
O fator-pensamento na realização	105
Visões e ideais	107
Serenidade	110

INTRODUÇÃO

Este volume reúne os textos *Os oito pilares da prosperidade* e *Você é aquilo que pensa*, escritos pelo filósofo britânico James Allen (1864-1912), um dos pioneiros do gênero autoajuda.

O Livro 1, *Os oito pilares da prosperidade*, é transformador. Nele, Allen apresenta sua crença de que as virtudes morais são a base que gera e sustenta a prosperidade. Sem elas, não há força, nem estabilidade ou realidade substancial, apenas sonhos efêmeros. São esses pilares os fatores causadores de todo sucesso, de qualquer natureza.

Nos capítulos, o texto aborda valores que o autor julga fundamentais para conquistar o sucesso, ter uma vida feliz e equilibrada. Para James Allen, a **Energia** é a base de toda conquista. Esse primeiro pilar é a força moral e o entusiasmo necessário para realizar tarefas com presteza, vigilância e atividade. Sem energia, não há capacidade de agir ou independência. A **Economia**, o segundo pilar, envolve a gestão inteligente do tempo, dos recursos e das energias. Não se trata apenas de poupar dinheiro, mas de evitar o desperdício em todas as áreas, garantindo que o esforço seja aplicado onde trará os melhores resultados.

A **Integridade**, retidão inabalável, é o terceiro pilar listado pelo autor. Allen defende que a honestidade nos negócios e na vida pessoal é um princípio “matemático”; sem ela, a estrutura da vida se torna instável e propensa ao colapso.

O quarto pilar, o **Sistema**, refere-se à ordem, à organização e ao método. Um sistema eficiente permite que tarefas complexas sejam realizadas com menos esforço e maior precisão, trazendo clareza e harmonia ao trabalho e à rotina. A **Simpatia** (ou **Empatia**) é a capacidade de entender e se conectar com os outros. Por meio desse quinto pilar, removem-se obstáculos nos relacionamentos, criando um ambiente de cooperação e boa vontade que favorece o crescimento mútuo.

A **Sinceridade**, sexto pilar, é a base da confiança social e comercial. Ser sincero significa ser simples e direto, sem adornos ou enganos, o que gera uma influência poderosa e evita que a pessoa seja enganada por falsas aparências. O sétimo pilar, **Imparcialidade**, envolve justiça e habilidade de ver além dos próprios interesses e preconceitos. É o julgamento equilibrado que permite tomar decisões corretas e manter a paz de espírito diante de conflitos.

Oitavo e último pilar, a **Autoconfiança** (ou **Autossuficiência**) é a confiança na lei moral e na própria capacidade de aplicá-la. É a força interna que permite ao indivíduo manter-se firme em seus princípios, independentemente das circunstâncias externas ou da opinião alheia.

Ao longo dos capítulos, o autor se utiliza de metáforas para construir um pensamento claro e estruturado, assim como os edifícios que usa para ilustrar suas ideias.

O Livro 2, *Você é aquilo que pensa*, cuja edição original data de 1903, é considerado a obra mais famosa de Allen e se tornou uma das mais significativas para um movimento do final do século XIX conhecido como Novo Pensamento, do qual ele passou a ser um importante expoente. O texto, formado pela articulação entre pressupostos religiosos e metafísicos — Deus, filosofia, correntes ligadas ao pensamento positivo, lei da atração, força pessoal etc. —, é uma proposta de cura da mente, que tem no pensamento a sua ferramenta. Já no título, o autor define a tese que irá percorrer todo o texto: *nós nos tornamos aquilo que pensamos*. A frase é, na verdade, uma paráfrase de um versículo que está em Provérbios (23:7), um dos livros sapienciais da Bíblia.

Em capítulos breves, Allen se vale de metáforas, comparações, pequenas histórias e exemplos ilustrativos a fim de detalhar e examinar, de modo mais concreto para o leitor, as complexidades e algumas das dimensões mais significativas da — e para — sua tese, que, por sua vez, caracterizam um aspecto crucial da vida do ser humano: tornar-se, melhorar-se, evoluir. Embora o Livro 2 seja pequeno, a riqueza de cada capítulo nos permite o luxo de uma breve incursão pela obra.

No primeiro capítulo, **Pensamento e Caráter**, o autor estabelece os princípios segundo os quais o ser humano pode assumir o papel de projetista e construtor de si mesmo e de sua vida, tanto do seu ser quanto das suas circunstâncias, mostrando e tratando-o como alguém que pode — e deve —, além de tomar parte, ser responsabilizado pelo que faz de si mesmo. Para tanto, Allen identifica alguns dos pilares sobre os quais a discussão irá se sustentar e a partir dos quais se desenvolverá.

O filósofo inicia chamando a atenção para a mente do indivíduo, que, na visão do livro, equivale ao próprio indivíduo, que decide os pensamentos que irá entreter e a que consequências levará. O autor deixa muito claro: não há como fugir dessas consequências, nem para bem, nem para mal. Os pensamentos, por sua vez, são a ferramenta que incide, de uma perspectiva interna, sobre todo o ser da pessoa; e, de uma perspectiva externa, sobre todas as suas circunstâncias. Já o caráter é definido como a soma completa dos pensamentos. A partir disso, o autor apresenta uma espécie de paradoxo, que, de início, parece deixar todos sem saída. Primeiramente, ele mostra como a natureza dos pensamentos, o fato de serem bons e nobres ou vis e indignos, determina e perpassa absolutamente tudo, dando forma à vida e aos desdobramentos dela.

Neste momento, Allen traz à luz o que caracteriza as relações fixas, abordando a lei de causa e efeito e a noção de consequências necessárias; então, ao que tudo indica, estaríamos, a priori, condenados caso nossa natureza não fosse das melhores. Mas aqui ele introduz o ponto crucial. A mente é poderosa e pode alterar estados e, com isso, situações. E o fato de ela ser passível de mudança faz com que, paradoxalmente, nossa esperança em mudar esteja na determinabilidade das (novas) ações que se seguem de novos pensamentos. Se antes a mente era o lugar

seguro de pensamentos que deterioram o indivíduo e a vida, agora ela pode ser alterada. E é isso o que Allen vai desenvolver nesse capítulo.

Nos próximos dois capítulos, o autor detalha questões referentes ao pensamento propriamente dito, em especial mostra como é possível ver os pensamentos de uma pessoa. No segundo capítulo, **Efeito do pensamento sobre as circunstâncias**, Allen, usando uma constelação de figuras de linguagem e exemplos, discute aspectos que são cada vez mais negligenciados (principalmente hoje em dia), a saber, o papel da ação firme e a necessidade do domínio próprio por parte do indivíduo na construção do próprio pensamento e, conseqüentemente, da própria vida no seu sentido mais pleno. Depois, ao longo do texto, vai mostrando como se dá a relação entre o interior e as circunstâncias que podemos ver os pensamentos.

Neste ponto, emerge outro paradoxo. Embora as circunstâncias permitam inferir os pensamentos de um indivíduo — oferecendo-nos indícios e até algumas certezas sobre quem ele é —, esse conhecimento permanece parcial. Daí decorre o alerta do autor: um recorte biográfico não conta a história em sua totalidade. É uma leitura que nos desafia profundamente.

O terceiro capítulo, **Efeito do pensamento sobre a saúde e o corpo**, traz uma reflexão urgente. Hoje, parece que nunca precisamos tanto ouvir o que o autor tem a dizer e, sobretudo, a maneira como ele o faz. Embora o título seja autoexplicativo, sua abordagem é necessária, contundente e, como em toda a obra, profundamente gentil. Diante da forma como as pessoas têm se comportado ultimamente em relação a si mesmas e aos seus corpos, esse breve capítulo nos conduz a uma verdade que poucos estão dispostos a encarar.

No quarto capítulo, **Pensamento e objetivo**, Allen trata de uma forma mais específica a necessidade de colocar o pensamento como origem de objetivos. Aqui ele vai diametralmente contra a filosofia do “*let it be*”, que pode ser uma tradução livre e anedótica do divertido “deixa a vida me levar, vida leva eu”. Nessa porção do livro, o autor usa termos mais fortes, como “catástrofe” e “destruição” — e com boas razões. Há uma forte advertência a respeito da falta de objetivos na vida com a deterioração, inclusive, do caráter. É um capítulo que faz mais um alerta para a importância do esforço, da prática e, novamente, do domínio próprio. Uma leitura que deveria despertar a nossa geração.

Não à toa, logo em seguida, no quinto capítulo, **O fator-pensamento na realização**, o autor vai apresentar e discutir de forma mais detalhada a linha invisível, porém poderosa, que está na persistência que se concretiza nas circunstâncias. A vontade e a disposição tornam-se protagonistas nesse capítulo como meios de autorrealização. Sentimentos como ódio, egoísmo e inveja também entram nessa cena. A relação entre tudo isso é sabiamente descrita ao longo do texto. Mais um convite.

No sexto capítulo, **Visões e ideias**, Allen recupera o papel dos sonhos. Mas não como uma forma de mera ilusão. E mais, ele os alia à tão maltratada noção de beleza e mostra como essa relação é fundamental para a construção do mundo — como

sempre, tudo brotando do ser humano. Ao longo do capítulo, o autor arrola alguns nomes e histórias de vida cujas realizações ilustram essa relação entre sonhos, beleza e um mundo melhor, gerando progresso, melhorando a vida de terceiros. E apresenta a noção de coragem como fundamental. É um capítulo inspirador.

No último capítulo, **Serenidade**, o autor trata, como o título diz, de algo maior a que aspirar. Aqui parece que Allen mostra a serviço do que está todo o esforço empregado ao longo dos capítulos anteriores. E a chave continua sendo uma das habilidades mais desprezadas dos nossos dias, o domínio próprio. Nessa porção do texto, os termos empregados são bem diferentes. O autor fala de evolução, maturidade; fala do sol, da beleza, do bem, da calma. Fala também do tipo de estado de espírito que vai passar a acompanhar a pessoa. Ele não está tratando de fantasias, mas de realizações possíveis para uma mente que se levantou e se dispôs. É uma leitura que aquece o coração e a alma.

Este livro pode não ser cronologicamente tão atual; mas é, em sua essência, atemporal, pois trata da natureza humana. E, neste momento histórico em que vivemos, chega em boa hora. Temos testemunhado indivíduos com o pensamento adoecido, com a disposição entorpecida. Em quem a vontade parece estar à mercê dos sentimentos, em quem o querer não envolve mais trabalho, esforço, empenho, abdições.

A beleza da obra está para além do fato de ela representar uma escola de pensamento, mas em resgatar a importância de o indivíduo tomar as rédeas do próprio pensamento e, assim, da própria vida. E isso é possível, segundo Allen, porque nos foi concedida uma graça, uma força que é maior do que qualquer dificuldade e fatalidade. Entretanto, como ele muito bem ilustra e argumenta, ter sido agraciado com ela não basta. Essa força precisa se traduzir em aspirações nobres, em atos de domínio próprio, em determinação e resiliência. E é nesse aspecto que Allen dá o golpe de misericórdia: há o certo e o errado, o bem e o mal. Existe um pensamento que leva à construção e um que leva à destruição.

Fazendo alusão a Shakespeare, aos Evangelhos, ao *Mens sana in corpore sano*,¹ e a tantos outros tesouros, este é um livro que pode fazer muito pelas pessoas e de muitos modos. Ele pode ajudá-las a identificar o que lhes aflige. Pode indicar-lhes os primeiros passos, geralmente um dos momentos mais difíceis em qualquer processo de aperfeiçoamento. Pode ser um lembrete constante para não voltar à passividade. Um companheiro quando chegar a ameaça do desânimo. Que cada um que optar por lê-lo encontre o seu motivo para mantê-lo como um companheiro de jornada.

O editor.

1 *Mens sana in corpore sano* é uma expressão em latim que significa “mente sã em corpo são”. A frase tem origem nas *Sátiras* do poeta romano Juvenal e expressa a ideia de equilíbrio entre saúde física e mental como ideal de vida. (N. E.)

LIVRO 1

*Os oito pilares
da prosperidade*

PREFÁCIO

É popularmente suposto que a prosperidade para indivíduos ou nações só pode advir de uma reconstrução política e social. Isso não pode ser verdade sem a prática das virtudes morais das pessoas que compõem uma nação. Leis e condições sociais melhores seguirão sempre uma realização mais elevada da moralidade entre os indivíduos de uma comunidade, mas nenhuma lei pode dar prosperidade nem pode impedir a ruína de uma pessoa ou de uma nação que se tenha tornado relaxada e decadente na busca e na prática da virtude.

As virtudes morais são o fundamento e o suporte da prosperidade, pois são a alma da grandeza. Elas perduram para sempre, e todas as obras humanas que perduram são construídas sobre elas. Sem elas não há força, estabilidade nem realidade substancial, apenas sonhos efêmeros. Encontrar princípios morais é ter encontrado prosperidade, grandeza, verdade e, portanto, ser forte, valente, alegre e livre.

JAMES ALLEN
Bryngoleu, Ilfracombe, Inglaterra.

OITO PILARES

A prosperidade repousa sobre um fundamento moral. Popularmente, supõe-se que ela se apoie sobre uma base imoral — isto é, sobre fraude, prática desonesta, engano e ganância. Ouve-se comumente até uma pessoa inteligente declarar que “Ninguém pode ser bem-sucedido nos negócios a menos que seja desonesto”, considerando assim a prosperidade dos negócios — uma coisa boa — como o efeito da desonestidade — uma coisa ruim. Tal afirmação é superficial e irrefletida, e revela falta total de conhecimento da causalidade moral, bem como uma compreensão muito limitada dos fatos da vida. É como se alguém semeasse meimendro e colhesse espinafre, ou erguesse uma casa de tijolos num pântano — coisas impossíveis na ordem natural da causalidade, que, portanto, não devem ser tentadas.

Em princípio, a ordem espiritual ou moral da causalidade não difere da ordem física; a diferença reside apenas em sua natureza. A mesma lei que rege os fenômenos naturais e visíveis aplica-se às realidades invisíveis dos pensamentos e dos atos. As pessoas compreendem os processos do mundo físico e agem de acordo com eles; no entanto, por não enxergarem a dinâmica espiritual, supõem que ela não existe e, por isso, deixam de viver em harmonia com ela.

Contudo, esses processos espirituais são tão simples e tão certos quanto os naturais. São, de fato, os mesmos modos naturais manifestando-se no mundo da mente. Todas as parábolas e um grande número dos ditos dos grandes mestres destinam-se a ilustrar esse fato. O mundo natural é o mundo mental tornado visível. O que é visto é espelho do invisível. A metade superior de um círculo não é de modo algum diferente da metade inferior, mas a sua esfericidade está invertida. O material e o mental não são dois arcos separados no universo, são duas metades de um círculo completo. O natural e o espiritual não estão em desacordo, mas, na ordem verdadeira do universo, estão eternamente em unidade.

É no não natural — no abuso da função e da faculdade — que surge a divisão, e onde as pessoas são arrastadas de volta, com sofrimentos repetidos, do círculo perfeito do qual tentaram partir. Cada processo na matéria é também um processo na mente. Cada lei natural tem o seu correspondente espiritual.

Tome qualquer objeto natural e encontrará os seus processos fundamentais na esfera mental se procurar corretamente. Considere, por exemplo, a germinação de uma semente e o seu crescimento numa planta com o desenvolvimento final de uma

flor e, de volta à semente novamente. Isso também é um processo mental. Os pensamentos são sementes que, caindo no solo da mente, germinam e desenvolvem-se até atingirem o estágio completo; florescendo em atos bons ou maus, brilhantes ou estúpidos, de acordo com a sua natureza, e terminando como aquelas sementes de pensamento, que serão novamente semeadas em outras mentes.

Um professor é um semeador, um agricultor espiritual, enquanto aquele que ensina a si mesmo é o sábio agricultor do seu próprio terreno mental. O crescimento de um pensamento é como o de uma planta. A semente deve ser semeada na estação apropriada, e é necessário tempo para o seu pleno desenvolvimento em planta de conhecimento e na flor da sabedoria.

Enquanto escrevo isto, faço uma pausa e viro-me para olhar pela janela do meu estúdio, e ali, a cem metros de distância, há uma árvore alta, no topo da qual algum corvo empreendedor construiu, pela primeira vez, o seu ninho. Um vento forte sopra, de modo que o topo da árvore é agitado violentamente para lá e para cá; no entanto, não há perigo para essa coisa frágil de paus e pelos, e a ave-mãe, sentada sobre seus ovos, não tem medo da tempestade. Por quê? Porque a ave construiu, instintivamente, o ninho em harmonia com princípios que asseguram a máxima força e segurança. Primeiro, escolhe-se uma bifurcação como fundação para o ninho, e não um espaço entre dois ramos separados, de modo que, por maior que seja o balanço do topo da árvore, a posição do ninho não será alterada, nem sua estrutura perturbada; depois, o ninho é construído num plano circular para oferecer maior resistência a qualquer pressão externa, bem como para obter maior compactação interior, de acordo com seu propósito; e, assim, por mais que a tempestade possa rugir, as aves repousarão em conforto e segurança.

Isso é um objeto muito simples e familiar, e, no entanto, na obediência estrita da sua estrutura à lei matemática, torna-se, para os sábios, uma parábola de esclarecimento, ensinando que apenas ordenando os atos de acordo com princípios fixos é obtida a perfeita segurança, a perfeita proteção e a perfeita paz, no meio à incerteza dos acontecimentos e às tempestades turbulentas da vida.

Uma casa ou um templo, construído por pessoas, é uma estrutura muito mais complicada do que um ninho, mas é erguido de acordo com aqueles princípios matemáticos que são evidenciados em toda parte na natureza. E aqui se vê como as pessoas, nas coisas materiais, obedecem a princípios universais. Ninguém tenta erguer um edifício desafiando as proporções geométricas, pois qualquer pessoa sabe que tal construção seria insegura, e que a primeira tempestade provavelmente a nivelaria ao chão; se é que não caísse sobre os seus ouvidos durante o processo de construção. As pessoas, no seu edifício material, obedecem escrupulosamente aos princípios fixos do círculo, do quadrado e do ângulo, e, auxiliadas por régua,

fio de prumo e compasso, erguem uma estrutura que resistirá às tempestades mais ferozes e lhes proporcionará um abrigo seguro e uma proteção sólida.

Tudo isso é muito simples, pode dizer o leitor. Sim, é simples porque é verdadeiro e perfeito; tão verdadeiro que não pode admitir o menor compromisso, e tão perfeito que ninguém pode melhorar. As pessoas, através de longa experiência, aprenderam esses princípios do mundo material e entendem a sabedoria de obedecê-los; referi-me assim a eles para levar à consideração daqueles princípios fixos no mundo mental ou espiritual que são tão simples — e tão eternamente verdadeiros e perfeitos —, mas que são tão pouco compreendidos pelas pessoas que os violam diariamente, ignorantes da sua natureza e inconscientes do mal que estão a infligir a si mesmas o tempo todo.

Na mente como na matéria, nos pensamentos como nas coisas, nos atos como nos processos naturais, há um fundamento fixo de lei que, se ignorado consciente ou inconscientemente, leva ao desastre e à derrota. É, de fato, a violação ignorante desta lei a causa da dor e da tristeza do mundo. Na matéria, esta lei é apresentada como matemática; na mente, é percebida como moral. Mas o matemático e o moral não são separados e opostos; são apenas dois aspectos de um todo unido.

Os princípios fixos da matemática, aos quais toda matéria está sujeita, são o corpo do qual o espírito é ético; enquanto os princípios eternos da moralidade são truismos matemáticos operando no universo da mente. É tão impossível viver com sucesso distante de princípios morais como construir com sucesso ignorando princípios matemáticos. Os caracteres, como as casas, só se mantêm firmes quando construídos sobre um fundamento de lei moral, e são construídos lenta e laboriosamente, ato por ato, pois, na construção do caráter, os tijolos são atos.

Os negócios e todas as empresas humanas não estão isentos da ordem eterna, porém só podem manter-se com segurança pela observância de leis fixas. A prosperidade, para ser estável e duradoura, deve repousar sobre um fundamento sólido de princípio moral, além de ser apoiada pelos pilares íntegros de caráter sólido e valor moral. Na tentativa de dirigir um negócio desafiando princípios morais, o desastre, de um tipo ou outro, é inevitável. As pessoas permanentemente prósperas, em qualquer comunidade, não são as trapaceiras e enganadoras, mas as confiáveis e retas. Os quacres são reconhecidos como as pessoas mais retas na comunidade britânica, e, embora os seus números sejam pequenos, são os mais prósperos. Os jainistas na Índia são semelhantes tanto em números como em valor sólido, e são o povo mais próspero do país.

As pessoas falam em “construir um negócio”, e, de fato, um negócio é tanto um edifício como uma casa de tijolo ou uma igreja de pedra, embora o processo de construção seja mental. A prosperidade, como uma casa, é um teto sobre a cabeça de alguém, proporcionando-lhe proteção e conforto. Um teto pressupõe um suporte, e um suporte

necessita de uma fundação. O teto da prosperidade, então, é apoiado sobre oito pilares que são cimentados numa fundação de consistência moral:

1. Energia
2. Economia
3. Integridade
4. Sistema
5. Simpatia
6. Sinceridade
7. Imparcialidade
8. Autoconfiança

Um negócio, construído mediante a prática impecável de todos esses princípios, seria tão firme e duradouro que se tornaria invencível. Nada poderia prejudicá-lo; nada poderia minar sua prosperidade, nem interromper seu sucesso ou trazê-lo ao chão; mas o sucesso seria assegurado com crescimento incessante enquanto os princípios fossem aderidos. Por outro lado, onde esses princípios estivessem todos ausentes, não poderia haver sucesso de qualquer tipo; não poderia sequer haver um negócio, pois não haveria nada para produzir a aderência de uma parte com outra; porém haveria falta de vida, ausência de fibra e a consistência que anima e dá corpo e forma a qualquer coisa.

Imagine alguém com todos esses princípios ausentes da mente, da vida diária; mesmo que o conhecimento dos princípios seja leve e imperfeito, não se poderia pensar em tal pessoa fazendo qualquer trabalho bem-sucedido. Poderia imaginar essa pessoa levando a vida confusa de um vagabundo sem rumo, mas imaginá-la à frente de um negócio, como o centro de uma organização ou como agente responsável e controlador em qualquer departamento da vida não seria possível, porque se percebe a impossibilidade. O fato de ninguém com moralidade e inteligência moderadas poder pensar em tal indivíduo comandando qualquer sucesso deveria ser, para todos aqueles que ainda não compreenderam o significado desses princípios — e, portanto, declaram que a moralidade não é um fator, mas um impedimento na prosperidade — uma prova sólida de que a sua conclusão está totalmente errada, pois, se estivesse certa, quanto maior a falta desses princípios morais, maior seria o sucesso.

Esses oito princípios, então, em maior ou menor grau, são os fatores causais em todo o sucesso de qualquer tipo. Por baixo de toda prosperidade são os fortes suportes, e, por mais que as aparências possam estar contra tal conclusão, uma medida deles informa e sustenta todo o esforço que é coroado com a excelência que as pessoas chamam de sucesso.

É verdade que relativamente poucas pessoas bem-sucedidas praticam, na sua totalidade e perfeição, todos os oito princípios, mas há aquelas que o fazem, e são as líderes, professoras e guias dos indivíduos, os suportes da sociedade e as fortes pioneiras na vanguarda da evolução humana.

Mas enquanto poucas alcançam a perfeição moral, que assegura o ápice do sucesso, todos os sucessos menores vêm da observância parcial desses princípios, que são tão poderosos na produção de bons resultados que mesmo a perfeição em dois ou três deles é suficiente para assegurar um grau ordinário de prosperidade, além de manter, pelo menos por um tempo, uma medida de influência local. Enquanto a mesma perfeição em dois ou três [pilares] com excelência, ainda que parcial, tornará o sucesso e a influência limitados, que crescerão e se estenderão em exata proporção com um conhecimento e prática mais íntimos daqueles princípios que, no presente, são apenas parcialmente incorporados no caráter.

As linhas fronteiriças da moralidade de uma pessoa marcam os limites do seu sucesso. Isso é tão verdadeiro que conhecer o estatuto moral de alguém seria conhecer — medir matematicamente — seu sucesso ou fracasso. O templo da prosperidade só se mantém na medida em que é apoiado pelos seus pilares morais; conforme são enfraquecidos, torna-se inseguro; se forem retirados, desmorona-se e cai em ruína.

O fracasso e a derrota são inevitáveis onde os princípios morais são ignorados ou desafiados — inevitáveis na natureza das coisas como causa e efeito. Como uma pedra atirada para cima volta à terra, assim cada ato, bom ou mau, volta sobre aquele que o enviou. Cada ato imoral frustra o fim a que visa, e cada tal ato sucessivo afasta-o mais e mais como uma realização alcançada. Por outro lado, cada ato moral é outro tijolo sólido no templo da prosperidade, outra ronda de força e beleza esculpida nos pilares que o suportam.

Indivíduos, famílias e nações crescem e prosperam em harmonia com o seu crescimento em força moral e conhecimento; caem e falham de acordo com a sua decadência moral.

Mentalmente, como fisicamente, apenas aquilo que tem forma e solidez pode manter-se e perdurar. O imoral é nada, e dele nada pode ser formado. É a negação da substância. É a negação da forma. É um processo de desnudação espiritual. Enquanto mina e desintegra, deixa o material disperso pronto para o sábio construtor colocá-lo novamente em forma; e o sábio construtor é a *moralidade*. A moral é a junção de substância, forma e poder de construção. A moralidade sempre constrói e preserva, pois essa é a sua natureza, sendo o oposto da imoralidade, que sempre quebra e destrói. A moralidade é o mestre-construtor em toda parte, seja em indivíduos ou nações.

A moralidade é invencível, e quem se mantém sobre ela até o fim permanece sobre uma rocha inexpugnável, de modo que sua derrota é impossível; e o triunfo, certo. Será provado, e isso ao extremo, pois sem luta não pode haver vitória, e, assim, apenas podem os seus poderes morais ser aperfeiçoados; e está na natureza de princípios fixos, como de tudo finamente e perfeitamente trabalhado, ter a sua força testada e provada.

As barras de aço que devem ser mais resistentes e melhores no mundo devem ser sujeitas a uma tensão severa pelo mestre ferreiro, como teste da sua textura e eficiência, antes de serem enviadas da sua fundição. O fabricante de tijolos põe de lado aqueles que cederam sob o calor severo. Assim, aquele que deve ser grande e permanentemente bem-sucedido passará pela tensão de circunstâncias adversas e pelo fogo da tentação com a sua natureza moral, não apenas não minada, mas fortalecida e embelezada. Será como uma barra de aço bem trabalhado, apto para o uso mais elevado, e o universo verá, como o mestre ferreiro, o seu aço finamente trabalhado, que o uso não lhe escapa.

A imoralidade é assaltável em todos os pontos, e quem tenta manter-se sobre ela afunda-se no pântano da desolação. Mesmo enquanto os seus esforços parecem manter-se, estão a desmoronar. O clímax do fracasso é inevitável. Enquanto a pessoa imoral ri dos seus ganhos mal obtidos, já há um buraco no seu bolso através do qual o seu ouro cai. Enquanto a que começa com moralidade, mas a abandona por ganho na hora da provação, é como o tijolo que quebra na primeira exposição ao calor; não é apta para uso, e o universo lança-a de lado, ainda não finalmente, pois é um ser, e não um tijolo; e pode viver e aprender, pode arrepender-se e ser restaurada.

A força moral é a vida de todo sucesso e o elemento sustentador em toda prosperidade; mas há vários tipos de sucesso, e é frequentemente necessário que alguém falhe numa direção para que possa alcançar um sucesso maior e mais abrangente. Se, por exemplo, um gênio literário, artístico ou espiritual devesse começar a tentar fazer dinheiro, pode ser — e frequentemente é —, para sua vantagem e melhoria do seu gênio, que falhe nisso, de modo que possa alcançar aquele sucesso mais sublime no qual reside o seu verdadeiro poder. Muitos milionários trocariam de bom grado os seus milhões pelo sucesso literário de um Shakespeare ou pelo sucesso espiritual de um Buda¹ e considerariam que fizeram um bom negócio. O sucesso espiritual excepcional raramente é acompanhado de riquezas, mas o financeiro

1 Buda é um título dado a um mestre budista ou a todos os iluminados que alcançaram a realização espiritual do budismo. Um exemplo de Buda foi Sidarta Gautama. Segundo a tradição, o Buda histórico viveu de 563 a.C. a 483 a.C., embora estudiosos postulem que ele pode ter vivido até um século depois. (N. T.)

não pode de modo algum comparar-se com ele em grandeza e grandiosidade. Não estou, neste livro, tratando do sucesso do santo ou do gênio espiritual, mas do sucesso que diz respeito ao bem-estar e à felicidade da pessoa média em geral, numa palavra, com a prosperidade que, embora estando mais ou menos ligada ao dinheiro — sendo presente e temporal —, ainda não se limita a isso, mas se estende e abraça todas as atividades humanas, e que se relaciona particularmente com a harmonia do indivíduo com suas circunstâncias que produz a satisfação chamada felicidade e o conforto conhecido como prosperidade. Para a realização desse fim, tão desejável para a massa da humanidade, vejamos agora como operam os oito princípios, como o teto da prosperidade é erguido e tornado seguro sobre os pilares pelos quais é suportado.

PRIMEIRO PILAR – ENERGIA

A energia é a força motriz de qualquer realização. Ela converte o carvão inerte em fogo e transforma a água em vapor; vivifica e intensifica o talento mais comum até que este se aproxime do gênio. Quando toca a mente mais lenta, inflama e desperta aquilo que antes dormia na inércia.

A energia é uma virtude moral, sendo a preguiça o seu vício oposto. Como virtude, pode ser cultivada, e a pessoa preguiçosa pode tornar-se enérgica forçando-se à exaustão. Comparado com a pessoa enérgica, o indivíduo preguiçoso não vive sequer pela metade. Mesmo enquanto o último fala sobre a dificuldade de fazer uma coisa, o primeiro está a fazê-la. A pessoa ativa fez uma quantidade considerável de trabalho antes de a pessoa preguiçosa ter acordado. Enquanto a pessoa preguiçosa espera por uma oportunidade, a pessoa ativa saiu, encontrou e utilizou meia dúzia de oportunidades. Faz coisas enquanto a outra ainda nem saiu da cama.

A energia é uma das forças primárias; sem ela, nada se realiza. É o elemento básico de qualquer forma de ação. Todo o universo é a manifestação de uma energia incansável, ainda que inescrutável. De fato, energia é vida: sem ela, não haveria cosmos nem existência. Quando alguém deixa de agir, quando o corpo jaz inerte e todas as funções cessam, dizemos que a pessoa morreu; logo, se alguém abdica da ação, está, de certa forma, morto. O ser humano foi projetado — mental e fisicamente — para a ação, e não para o ócio. Cada músculo do corpo, concebido para o esforço, é uma repreensão à indolência. Cada osso e nervo foi moldado para a resistência; cada faculdade existe para um propósito legítimo. Tudo encontra seu fim na ação e tudo se aperfeiçoa pelo uso.

Sendo assim, não há prosperidade para a pessoa preguiçosa, nem felicidade, nem refúgio nem descanso; para ela, não há sequer o ócio que cobiça, pois torna-se um proscrito sem lar, uma pessoa perturbada, atormentada, desprezada, de modo que o provérbio sabiamente coloca: “A pessoa preguiçosa faz o trabalho mais duro”, pois, evitando o trabalho sistemático da habilidade, traz sobre si mesma o fardo mais pesado.

No entanto, uma energia mal aplicada é melhor do que nenhuma energia. Isso é poderosamente colocado por São João nas palavras: “Eu gostaria que fôsseis quentes ou frios; se sois mornos, vomitar-vos-ei da minha boca”. Os extremos de calor e frio simbolizam aqui a agência transformadora da energia, nos seus aspectos bom e mau.

O estado morno é sem cor, sem vida e inútil; dele mal se pode dizer que possui virtude ou vício, pois é meramente estéril, vazio e infrutífero. Já a pessoa que aplica sua energia abundante a fins nocivos traz, no próprio poder com que busca seus objetivos egoístas, a causa de sua própria queda. Ela atrairá sobre si tantas dificuldades, dores e tristezas que será compelida a aprender pela experiência e, por fim, a reconstruir sua base de ação. No momento certo, quando sua visão se abrir para propósitos mais elevados, ela mudará de rumo, abrindo canais novos e adequados para canalizar seu poder. Então, será tão forte no bem quanto antes fora no mal. Essa verdade está perfeitamente cristalizada no antigo provérbio: “Quanto maior o pecador, maior o santo”.

A energia é poder, e sem ela não haverá realização; nem sequer haverá virtude, pois esta não consiste apenas em não fazer o mal, mas, principalmente, em fazer o bem. Há aqueles que tentam, mas falham por energia insuficiente. Os seus esforços são demasiado fracos para produzir resultados positivos. Tais não são viciosos, e porque nunca fazem qualquer dano deliberado, são geralmente considerados boas pessoas que falham. Mas a falta de iniciativa para fazer o mal não é ser bom; é apenas ser fraco e impotente. A pessoa verdadeiramente boa é aquela que, tendo o poder de fazer o mal, ainda escolhe dirigir as suas energias em caminhos que são bons. Sem um grau considerável de energia, portanto, não haverá poder moral. O bem que houver será latente e dormente; não haverá saída de bem, tal como não pode haver movimento mecânico sem a força motriz.

A energia constitui a força modeladora de todo o agir em todos os departamentos da existência, tanto na dimensão material quanto na espiritual. O apelo à ação, que emana não só do soldado, mas dos lábios e da pena de cada mestre em qualquer nível do pensamento, incita o indivíduo a despertar sua energia dormente e a realizar com vigor o dever imediato. Até mesmo os mestres da contemplação e da meditação exortam continuamente seus discípulos ao esforço pleno na atividade meditativa. A energia revela-se imperativa em todas as esferas; e se as regras do soldado, do engenheiro e do comerciante são regras de ação, de igual modo quase todos os preceitos dos salvadores, sábios e santos são mandamentos de realização.

O conselho de um dos Grandes Mestres aos seus discípulos — “Mantenham-se despertos” — expressa de forma sucinta a necessidade de uma energia incansável para que um propósito se realize. Esse é um ensinamento tão válido para o vendedor quanto para o santo. “A eterna vigilância é o preço da liberdade”, e a liberdade consiste em alcançar a meta que se estabeleceu. Foi esse mesmo Mestre quem disse: “Se algo deve ser feito, que se faça de imediato; dedique-se a isso com vigor!”. A sabedoria desse conselho fica evidente quando lembramos que a ação é criativa, e que o crescimento e o desenvolvimento são consequências do uso legítimo de nossas forças. Para obter mais energia, devemos utilizar plenamente a que já possuímos. Afinal, é a quem faz bom uso que mais lhe é dado. O poder e a liberdade só alcançam aquele que se entrega vigorosamente a uma tarefa.

Mas a energia, para ser produtiva, não deve apenas ser dirigida para fins bons, deve ser cuidadosamente controlada e conservada. “A conservação da energia” é um termo moderno de um princípio na natureza pelo qual nenhuma energia é desperdiçada ou perdida, e a pessoa cujas energias devem ser frutíferas em resultados deve trabalhar de modo inteligente sobre esse princípio. Ruído e pressa são energia correndo para o desperdício. “Mais pressa, menos velocidade.” O máximo de ruído acompanha geralmente o mínimo de realização. Com muito falar, há pouco fazer. O vapor de trabalho não é ouvido. É o vapor que escapa que faz um grande ruído. É a pólvora concentrada que impulsiona a bala ao seu alvo.

À medida que alguém intensifica suas energias, conservando-as e concentrando-as na realização de seu propósito, adquire, na mesma proporção, serenidade, silêncio e equilíbrio. É uma grande ilusão pensar que o barulho é sinônimo de poder. Não há nada mais infantil do que o fanfarrão barulhento: um adulto fisicamente, mas uma criança mentalmente. Sem forças para realizar algo real e sem resultados para mostrar, ele tenta compensar suas falhas alardeando o que fez — ou o que diz que poderia fazer.

“As águas paradas correm fundo”, e as grandes forças universais são inaudíveis. Onde há calma, há o maior poder. A calma é a indicação certa de uma mente forte, bem treinada e pacientemente disciplinada. A pessoa calma conhece seu negócio; esteja certo disso. Suas palavras são poucas, mas significativas. Seus planos são bem elaborados e funcionam com precisão, como uma máquina equilibrada. Ela vê um longo caminho à frente e segue diretamente em direção ao objetivo. O inimigo, a dificuldade, transforma-se em aliado, pois aprendeu a “concordar com seu adversário enquanto está a caminho com ele”. Como um sábio general, antecipou todas as emergências. É, de fato, alguém preparado de antemão. Em suas meditações e no julgamento silencioso de suas reflexões, já conferenciou com as causas e compreendeu a inclinação de todas as

contingências. Nunca é apanhada de surpresa; nunca está apressada. Mantém-se firme na guarda de si mesma e segura do terreno em que pisa. Pode parecer que você a venceu, apenas para descobrir, no momento seguinte, que tropeçou na própria pressa e caiu na armadilha que preparou para ela.

Seu impulso não consegue competir com sua deliberação, sendo frustrado já no primeiro ataque. Sua energia descontrolada não consegue desviar o curso do poder concentrado e sabiamente dirigido dessa pessoa, que está “armada em todos os pontos”. Por meio de um verdadeiro jiu-jítsu mental, adquirido pela autodisciplina, ela conduz a oposição de tal modo que esta acaba se autodestruindo. Repreenda-a com palavras zangadas, e a serenidade de sua resposta alcançará o coração da sua loucura, fazendo o fogo da ira transformar-se em cinzas de remorso. Aproxime-se com familiaridade vulgar, e seu simples olhar o encherá de vergonha, trazendo-o de volta à razão. Como está preparada para todos os acontecimentos, está pronta para lidar com todas as pessoas — embora ninguém esteja realmente preparado para ela. Na sua presença, todas as fraquezas se revelam, e ela governa por uma força inerente que a calma tornou habitual e inconsciente.

A calma, diferente da apatia ou da passividade, é a expressão máxima da energia concentrada. Por trás dela existe uma mente focada e consciente. Já na agitação e na ansiedade, a mente se dispersa: perde direção, consistência e força. A pessoa impulsiva, irritadiça e sempre estressada dificilmente exerce influência positiva. Em vez de atrair, acaba afastando os outros. Muitas vezes, ela se pergunta por que aquele vizinho aparentemente tranquilo conquista respeito, oportunidades e reconhecimento, enquanto ela própria, sempre correndo, preocupada e confundindo inquietação com produtividade, acumula frustrações e desgaste. A diferença está no modo como cada um usa a própria energia. A pessoa calma não é mais lenta nem menos dedicada — ela apenas age com mais clareza, equilíbrio e intenção. Trabalha de forma mais inteligente, mantém o autocontrole e toma decisões com firmeza. Por isso, costuma alcançar melhores resultados e exercer maior influência sobre as pessoas ao redor. Sua energia é direcionada e bem administrada; já a da pessoa ansiosa se dispersa em excesso de reação, tensão e desgaste desnecessário.

A energia é o primeiro pilar da prosperidade. Sem ela — entendida como disposição para agir, produzir e persistir — dificilmente existe crescimento, autonomia ou realização. Quem não desenvolve iniciativa e capacidade de trabalho acaba limitado não apenas profissionalmente, mas também pessoalmente. Entre os desempregados, há muitos que permanecem sem oportunidades não só pela falta de vagas, mas pela ausência de atitude, disciplina e disposição para agir. A pessoa que passa os dias na inércia, esperando que os outros resolvam sua vida, tende a afundar cada vez mais na apatia. Quando o corpo se acomoda e a mente

perde o impulso, o trabalho passa a parecer um peso, e não uma possibilidade de transformação. Já a pessoa enérgica pode enfrentar períodos difíceis, desemprego temporário ou momentos de escassez, mas dificilmente permanece paralisada por muito tempo. Ela procura caminhos, cria oportunidades e se movimenta. Para quem tem iniciativa, a estagnação é desconfortável, enquanto o trabalho representa construção, propósito e independência. Quem encontra valor na ação e no esforço dificilmente permanece preso à imobilidade, porque sua própria energia a impulsiona de modo contínuo para a frente.

A pessoa preguiçosa, no fundo, não deseja realmente assumir responsabilidades ou se comprometer com o trabalho. Sente-se confortável na inércia e faz do mínimo esforço um objetivo constante. Sua principal preocupação é evitar desgaste, esforço ou disciplina. Acaba confundindo conforto momentâneo com felicidade, vivendo em um estado de acomodação que enfraquece tanto a iniciativa quanto a capacidade de realização. Com o tempo, essa postura a torna cada vez menos preparada para enfrentar desafios, crescer profissionalmente ou conquistar independência. Independentemente de posição social, política ou econômica, a falta de comprometimento tende a afastar oportunidades. Qualquer ambiente de trabalho valoriza pessoas confiáveis, produtivas e dispostas a colaborar. Já a negligência constante, a falta de responsabilidade e a recusa em contribuir acabam gerando rejeição e isolamento profissional. A preguiça, mais do que uma simples falta de vontade, transforma-se em um hábito que compromete a confiança, a credibilidade e o desenvolvimento pessoal.

A energia é um poder composto. Não se mantém sozinha. Atreladas a ela estão qualidades fundamentais para a formação de caráter vigoroso e a produção de prosperidade. Principalmente, essas qualidades estão contidas nas quatro características seguintes:

1. Prontidão
2. Vigilância
3. Trabalho
4. Seriedade

O pilar da energia é formado por qualidades sólidas e resistentes, capazes de sustentar uma pessoa mesmo nos períodos mais difíceis da vida. Disciplina, iniciativa, constância e disposição para agir são características que fortalecem a capacidade de enfrentar desafios e seguir avançando. São elas que impulsionam o crescimento, aumentam a competência e ampliam as possibilidades de realização pessoal e profissional.